

Pesquisa em Musicoterapia: prioridades e estratégias¹

Lia Rejane Mendes Barcellos

Musicoterapeuta Clínica. Mestre em Musicologia. Coordenadora e Professora da Pós-Graduação em musicoterapia da Graduação do Conservatório Brasileiro de Música. RJ. Professora convidada da Universidade Federal de Pelotas - RS, e da Universidade Católica do Salvador - BA. Membro do Conselho Diretor e Presidente da Comissão de Prática Clínica da Federação Mundial de Musicoterapia. Membro do Secretariado da UBAM e do conselho Consultivo do Comitê latino Americano de Musicoterapia.

Membro da Comissão Científica Internacional do X Congresso Mundial de Musicoterapia a se realizar em Oxford, em Julho de 2002.

Conservatório Brasileiro de Música - Rio de Janeiro.

Se fizermos uma radiografia da musicoterapia brasileira teremos como resultado, algo próximo ao que acontece em muitas fotografias - algumas partes ficam fora de foco.

Seguramente, na musicoterapia, o que estaria fora de foco seria a pesquisa. Se pensarmos nas quatro áreas principais que constituem a musicoterapia e que interagem entre si - teoria, prática, formação e pesquisa - veremos que a pesquisa está fora de foco e que vem seguida de perto pela teoria - área com a qual não nos preocupamos muito. Logo depois vem a formação, onde também encontramos inúmeras dificuldades.

Desta rápida análise podemos depreender que a área mais desenvolvida no Brasil, dentre estas quatro, é a prática clínica.

Até agora nós temos permitido que o nosso status venha da clínica e que seja decidido por cada profissional como musicoterapeuta clínico. Sabemos que é da clínica que devemos partir para mudar a quase inação coletiva que afeta a nossa identidade profissional. Devemos partir da clínica e não, pensar que o crescimento de nosso campo continuará a se fazer pelo exercício dessa prática exclusivamente. Se assim fizermos, estaremos comprometendo o nosso futuro profissional.

Mas, nosso objeto de discussão aqui é a pesquisa. Assim, é nela que vamos nos centrar, sabendo que estamos falando do "calcanhar de Aquiles" da musicoterapia brasileira.

E, na minha opinião, não cabe mais se analisar ou justificar as razões pelas quais a pesquisa não se realiza no Brasil. Isto já vem sendo feito em todos os espaços onde se discute a questão da pesquisa. Mas, sim, cabe aqui pensar, sobre quais seriam as melhores estratégias para que esta seja implementada. Ou, os benefícios que da pesquisa podem advir.

Em primeiro lugar cabe ressaltar que, tanto quanto existe uma íntima relação entre musicoterapia clínica, teoria, formação e pesquisa, existe uma relação entre a pesquisa clínica, a pesquisa na formação, ou ainda a pesquisa de aspectos teóricos que venham a desenvolver o corpo teórico da musicoterapia e, conseqüentemente, as outras áreas. Na verdade o que quero dizer é que a pesquisa em qualquer uma destas áreas tem a mesma importância. E a pesquisa em uma das áreas contribui para o desenvolvimento das outras. Sem dúvida, a pesquisa clínica irá contribuir tanto para o desenvolvimento da prática clínica, como, também para o desenvolvimento do corpo teórico e da formação.

Mas, não devemos desprezar as duas outras áreas de pesquisa: a da formação e teórica pois estas trarão, sem dúvida, tanto desenvolvimento à musicoterapia quanto a pesquisa clínica. Assim, priorizar-se a pesquisa em uma das áreas é reduzir-se as possibilidades de desenvolvimento da musicoterapia. É evidente que eu levanto esta questão por uma experiência pessoal.

Faço hoje uma pesquisa sobre "A Importância da Musicoterapia Didática para a Formação do Musicoterapeuta". E a escolha deste tema foi objeto de crítica: como estaria eu pesquisando o próprio curso! Na verdade penso que a formação deve ser objeto constante de reflexão e de pesquisa.

Em segundo lugar eu sugeriria que se fizesse um levantamento das pesquisas existentes e daquelas que estão em curso no país. Talvez a dificuldade neste sentido já seja um indício de algo que eu não consigo identificar ou que já está identificado.

Recentemente se fez um estudo das pesquisas que estão sendo realizadas mas os resultados deste só foram divulgados no Simpósio Brasileiro que aconteceu em Porto Alegre, em outubro de 2000. Caberia a divulgação destes dados num dos tantos boletins informativos que as associações de musicoterapia editam sistematicamente, ou ainda na revista da UBAM. Ainda seria interessante que esse estudo fosse freqüentemente atualizado para que se pudesse ter a situação da pesquisa no Brasil.

Um outro aspecto a ser comentado é aquele que ocorre com freqüência nos poucos trabalhos de pesquisa por nós realizados: a interrupção do trabalho antes de se chegar à leitura final dos dados. E este seria um ponto a ser discutido com veemência pois permeia todas as nossas atividades, não se apresentando apenas na pesquisa. Ou seja: interrompemos grupos de estudos; interrompemos a realização de cursos, e também interrompemos pesquisas, o que se constitui, no caso da pesquisa, principalmente, como algo que eu apontaria como grave. Já não realizamos pesquisa e, muitas das que são iniciadas não chegam às conclusões, perdendo-se dados absolutamente importantes para a musicoterapia, e dinheiro, quando estas pesquisas são financiadas pelos órgãos de fomento dessa atividade no país.

Numa participação que tive numa redonda que discutiu a questão da pesquisa, no Fórum do Paraná em 2000, apresentei um levantamento feito pelo Comitê Europeu de Musicoterapia, com relação à situação da pesquisa na Europa. E embora frisando que não pretendia apresentar isto como modelo, por conta das diferenças óbvias, me utilizei dos dados para extrair daí algumas conclusões.

¹ Participação na mesa Redonda: "Pesquisa em Musicoterapia: prioridades e estratégias", como representante Coordenadora do Curso de Especialização em Musicoterapia do Conservatório Brasileiro de Música do Rio de Janeiro. II Encontro nacional de Pesquisa em Musicoterapia. Associação de Musicoterapia do Paraná. Curitiba, Julho, 2001.

E, sem dúvida, a conclusão que me pareceu mais importante, depois de analisar todo o material, foi a que comprova que a maioria das pesquisas está ligada a cursos de Pós-graduação: especialização, mestrado, doutorado e pós-doutorado. E já que só temos a possibilidade, no momento, de oferecer cursos de especialização, é aqui que deveríamos concentrar a nossa atenção, isto é, esta seria uma das formas de implementar ou de criar estratégias para possibilitar a pesquisa em musicoterapia no país. E isto deveria nos levar a refletir sobre como implementar os primeiros níveis destes cursos de Pós-graduação, isto é, especialização e mestrado.

É preciso salientar que o fato de cairmos na discussão sobre a formação só enfatiza o que foi dito anteriormente: que as áreas apresentadas interagem e se complementam. Jamais são excludentes e jamais se pode pensar uma carreira sem se levar em consideração tudo que a compõe.

Antes de colocar a minha grande preocupação do momento gostaria de sugerir que se faça um esforço conjunto no sentido de se levantar a situação da pesquisa e/ou se atualizar a situação da pesquisa no Brasil.

Também sugiro, nestes tempos de Internet, onde a comunicação se faz mais fácil e rápida, que mantenhamos estes dados atualizados e acessíveis a todos, pois outra prática muito comum no Brasil é se ignorar o que já foi realizado e se recomeçar a estudar um assunto, o que se constitui como mais um problema grave, pois diz respeito não só à história mas, também, à questão da autoria.

Mas, além da implementação dos ou da pesquisa nos cursos de Pós-graduação, o que está acontecendo aqui também é de extrema importância, isto é, a organização de cursos de pesquisa, mesmo que breves. Estes vão estimulando os musicoterapeutas, além de capacitando os mesmos para a realização desta atividade.

E, me encaminhando para as considerações finais, eu gostaria de levantar a minha preocupação do momento. Sabe-se que os cursos de graduação não têm prioritariamente a pesquisa por objetivo. Assim, esta seria objeto de estudo da Pós-graduação. No entanto, temos uma situação que vejo como circunstancial, mas, que, a médio prazo, se apresenta como um fator complicador da questão da pesquisa.

Como responsável pela elaboração de projetos de cursos de especialização e pela existência destes em várias instituições no Brasil, como é o caso dos oferecidos no Rio de Janeiro, dos que já aconteceram na Universidade Federal de Goiás e na Universidade Federal de Pelotas, e como coordenadora do Curso de Pós-graduação de Musicoterapia do CBM -RJ, coloquei já para a minha instituição de origem - o referido Conservatório - a forma como me posiciono atualmente.

Há, como todos sabem, um projeto tramitando para regulamentar a profissão do musicoterapeuta. Para a elaboração deste projeto muitas foram as discussões de classe e a decisão final foi que não sejam considerados musicoterapeutas clínicos aqueles que tiverem a sua formação resultante exclusivamente dos cursos de Pós-graduação. Não estamos aqui colocando um demérito nem na formação nem nas pessoas que dela fizeram parte. Mas, e tão

somente, colocando a nossa profissão dentro da legislação vigente no país. Mas, voltando à minha posição enquanto coordenadora da Pós-graduação do Rio, e como pessoa responsável pela elaboração de alguns projetos de Pós no país, eu não mais ofereceria a Pós com o mesmo formato que até então considerarei adequado. Assim, desde que este projeto foi elaborado decidi, e obtive o respaldo da minha instituição, não mais oferecer este formato de Pós-graduação, ou seja, o que admite pessoas que vêm de áreas afins. Mas, ainda penso que, se não temos a possibilidade pelo menos próxima de organizar um mestrado, pelos motivos que todos também sabem - as exigências do governo - deveremos criar soluções alternativas para continuar oferecendo os cursos que contribuam e têm por objetivo, também a pesquisa.

Qual seria então a saída para não nos sentirmos num círculo vicioso e numa situação que me passa como incoerente: são os cursos de Pós que têm por objetivo a pesquisa, mas não mais podemos oferecê-los justamente no momento em que mais precisamos de implementar a pesquisa no país.

Antevejo duas possibilidades;

- a primeira é de se oferecer cursos de Pós-graduação exclusivamente para musicoterapeutas, em áreas específicas que serão por nós consideradas adequadas ou as quais mais se necessita implementar, como o de Saúde mental que o CBM acaba de oferecer;
- e, por outro lado, as instituições que tenham condições, deverão ter um projeto no sentido de criar possibilidades de oferecer um mestrado.

Para isto o CBM está criando uma política de qualificar profissionais que terão por finalidade viabilizar um mestrado na instituição.

Mas ainda gostaria de registrar a minha preocupação nesse sentido e, juntamente com as cabeças que pensam a musicoterapia no país, deixar as minhas sugestões e ouvir o que todos têm a dizer, finalizando com uma frase de Aldridge, um pesquisador que trabalha na Alemanha e que diz que "a pesquisa deveria ser considerada como uma subcultura da musicoterapia" entendendo-se aqui subcultura como algo que vem intimamente ligado à pesquisa.

Referências Bibliográficas

- NAGLER, Joe. Point of View: Why Research Music Therapy? In: *Tuning In. The Newsletter of the American Association for Music Therapy*. Valley Forge, PA. Fall 1993.
- SANTOS, Marco Antônio Carvalho. Algumas questões a respeito da pesquisa em Musicoterapia. Trabalho apresentado no IX Simpósio Brasileiro de Musicoterapia. RJ. 1997.